

últimas homenagens a três ilustres associados

Charles Ralph Boxer (1904-2000)

Eulália Maria Lahmeyer Lobo

Charles Ralph Boxer, eminente historiador, personalidade marcante, inesquecível amigo, era uma figura excepcional. Nasceu em Sandoun, na ilha de Wight, em 1904; cursou o Wellington College, de 1917 a 1921, e o Royal Military College (Sandhurst), de 1922 a 1923. Seguiu a carreira militar de 1923 a 1946, tendo sido ferido na Segunda Grande Guerra e feito prisioneiro pelo Japão de dezembro de 1941 a agosto de 1945. No ano seguinte demitiu-se das forças armadas, onde já alcançara o posto de major, para dedicar-se ao ensino e à pesquisa da história. Em 1947, começou a exercer o magistério na cátedra Camões, do King's College da Universidade de Londres e, em 1951 e 1952, na de História do Oriente, da Escola de Estudos Orientais e Africanos da mesma Universidade. Foi Professor Emérito das Universidades de Yale e de Londres, além de receber títulos honoríficos das Universidades de Utrecht, Lisboa, Bahia, de ter sido membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio benemérito da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica, entre outras distinções acadêmicas. Publicou seus trabalhos na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Holanda, em Portugal, no Japão e no Brasil. Dedicou-se ao estudo do imperialismo e colonialismo e, em especial, à expansão ultramarina portuguesa no Oriente, na África e no Brasil e, mais recentemente, ao imperialismo no Caribe.

As suas obras caracterizam-se por um rigoroso levantamento de fontes, submetidas à crítica cuidadosa, e por uma narrativa interpretativa em estilo impecável e sutilmente irônico. Não se filiou explicitamente a qualquer corrente teórica. Privilegiou o enfoque da história administrativa e política, sem negligenciar o contexto econômico-social e das idéias, e usou o método comparativo por meio do qual deu uma nova dimensão aos temas por ele estudados. A propósito da biografia de Salvador de Sá, declarou a sua preocupação em manter a objetividade e o distanciamento do tema tratado. Uma de suas principais contribuições para a história colonial do Brasil foi a sua capacidade de colocar o tema

numa perspectiva internacional, o que lançou nova luz sobre a pesquisa tradicional, nunca incorrendo numa visão europeicêntrica do mundo e combatendo o discurso orientalista que, em última análise, justificava o imperialismo.

Na primeira etapa de sua atividade como historiador, destaca-se a preocupação em recuperar a história do século XVII no mundo português e holandês. *Salvador de Sá and the Struggle for Brazil and Angola, 1602-1686* (London, Athlone Press, 1952), é uma obra-prima que consegue dar uma visão de conjunto do século XVII, a partir das colônias portuguesas, através de uma biografia. Trata da situação de Portugal e do Brasil no início daquele século, do ponto de vista da organização do Estado central, provincial e municipal, das relações Holanda-Portugal, do surgimento de uma nova alternativa de recursos em substituição aos do Nordeste, no Sul e em Potosi, da luta pela reconquista do Nordeste, da aliança do Rio de Janeiro com Angola, da rivalidade entre o Estado e os Jesuítas, terminando com a prisão de Salvador e um balanço da situação de Portugal em 1669. Concluiu que: "... the course of Salvador's career clearly brings out the reciprocal dependence of Portugal, Brazil and Angola during the seventeenth century." (op. cit., p. 390).

Ainda na década de 1950, destaca-se o seu estudo das relações da Holanda com o Brasil, *The Dutch in Brazil 1624-1654* (Oxford, Clarendon Press, 1957). O Autor justificou sua pesquisa, apesar da valiosa bibliografia existente sobre o tema, pelo fato de H. Wätjen, principal autoridade no assunto, não ter usado fontes relevantes dos arquivos portugueses, concentrando-se quase exclusivamente no período do governo de Maurício de Nassau, e porque Robert Southey não conseguira libertar-se do rancor contra os holandeses, principais rivais marítimos dos ingleses. Pretendia analisar temas mais amplos, "such as the interplay of racial and religious conflicts, or the influence of sea-power on colonial warfare. In any event, I hope the reader, whether specialist, casual, or critical will find here 'something old, something new, and something strange'" (op. cit., p. VIII).

Dentro da mesma linha, publicou no ano seguinte "Portuguese and Dutch Colonial Rivalry, 1641-1661", na revista *Studia* de Lisboa (n.º 2, julho, 1958, p. 7 a 42), contrastando o comércio regular entre Portugal e Holanda com o conflito permanente, no século XVII, das duas potências coloniais, que terminou por uma divisão de áreas de influência. O ensaio "The Action between Pater and Oquendo, 12 September 1631", *The Mariner's Mirror*, vol. 45, n.º 3, Jul. 1959, colocou esse episódio na perspectiva da luta pela soberania dos oceanos, entre a Holanda e a

Inglaterra de um lado, e Portugal e Espanha do outro, procurando despi-lo dos mitos heróicos em que foi envolto.

No campo das relações internacionais, pesquisou as “Vicissitudes of the Anglo-Portuguese Alliance, 1660-1700”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa* (IIIª série, nº 2, 1958). Analisou o profundo contraste cultural dos dois países e as vantagens e desvantagens comerciais recíprocas, nas últimas décadas do século XVII. Nessa época dedicava-se exclusivamente ao século XVII, escrevendo suas cartas em português no estilo do período, assinando seu “fiel servidor” e só se interessando por contatos com especialistas no tema. Tendo-o convidado uma vez para jantar, pediu-me que só chamasse historiadores ibero-americanos especializados no século XVII.

Quando fui convidada, junto com outros historiadores, para um fim de semana em sua casa nos arredores de Londres, comentei que não encontrara determinado documento, e ele logo pediu a todos os convivas para procurar uma referência sobre o assunto na sua vasta biblioteca particular. Terminada a tarefa, cerca de uma hora depois, chamou a todos para um passeio a pé até um promontório donde se podia admirar a frota britânica à distância, e onde se tiritava de frio ao pôr do sol.

Na década de 1960, expandiu suas pesquisas a África portuguesa com o trabalho *Fort Jesus and the Portuguese in Mombasa, 1593-1729* (London, Hollis and Carter, 1960), em colaboração com Carlos Azevedo. Este livro retrata as inter-relações multiculturais e raciais da Região e as suas ligações estratégicas com Goa, e estuda os tipos de fortes portugueses. Ainda em 1961 descobriu documento sobre as guerras portuguesas em Angola e Luanda no Museu Britânico e comprou o Codex de um relato dos Dominicanos sobre a Zambézia em 1744. Uma série de conferências pronunciada em 1962, na Universidade da Virgínia, nos EUA, resultou num livro intitulado *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire: 1415-1825* (Oxford Clarendon Press, 1963), que provocou grande celeuma. Nele Boxer relativizou a suposta tolerância racial atribuída aos lusos, reunindo ampla documentação sobre o preconceito destes em relação a mouros, africanos, indús, índios. Naquele ano estava viajando em Portugal e vi editoriais e notícias de primeira página condenando Boxer, até em jornais de pequenas aldeias — o que confirmava a tese de que a tolerância racial portuguesa era um artigo de fé, inclusive explorado politicamente pela ditadura de Salazar. Boxer tinha, em Londres, um arquivo das críticas e até dos desaforos a ele dirigidos.

Um trabalho de grande relevância no conjunto da obra de Boxer é o ensaio *The Golden Age of Brazil, 1695-1750, Growing Pains of a Colonial*

Society (Los Angeles, University of California Press, 1962). Nesse livro, conseguiu traçar um amplo panorama das profundas transformações econômicas, sociais e políticas acarretadas pela descoberta do ouro e de pedras preciosas no Brasil. Descreveu nele o início da integração da Colônia, o crescimento das cidades e do mercado interno, o movimento migratório, as primeiras manifestações de aspiração à independência. O principal mérito desse ensaio foi o de realizar uma síntese de uma época complexa, de profundas transformações. Já no trabalho *The Dutch Seaborne Empire: 1600-1800* (New York, Alfred Knopf, 1965) Boxer retornou ao tema do poderio marítimo holandês, analisando o comportamento das classes dominantes e dos trabalhadores, e suas implicações para esse processo, em particular nas relações entre comerciantes e industriais.

Portuguese Society in the Tropics, the Municipal Councils of Goa, Macao, Bahia and Luanda (Madison, The University of Wisconsin Press, 1965), foi um trabalho original e pioneiro que apontou para a importância da urbanização quando a maioria dos investigadores concentrava sua atenção no meio rural e na produção escravagista. Escreveu também uma obra clássica sobre os jesuítas no Japão. Finalmente, na década dos setenta, voltou-se sobretudo para o Caribe, retomando temas da colonização e do comércio.

Nos últimos anos, Boxer fixou sua residência numa pequena cidade britânica retirada, optando pelo isolamento.

Ele foi desbravador de novos territórios do conhecimento, descobridor e colecionador de fontes, intérprete original da expansão das relações mundiais nos séculos XVII e XVIII, e uma pessoa de grande sabedoria e sensibilidade.

Annibal Villela (1926-2000)

Wilson Suzigan

Annibal Villanova Villela nasceu a 31 de outubro de 1926 no Rio de Janeiro, e faleceu na mesma cidade no dia 7 de abril de 2000. Como seu ex-aluno, co-autor e amigo escrevo esta homenagem sentindo-me ao mesmo tempo honrado e profundamente entristecido.

Homem de caráter e forte personalidade, imbuído de princípios morais e éticos inabaláveis, temperamento destemido e grande determinação em tudo que fazia, Annibal exerceu enorme influência nas pessoas com quem conviveu, nas instituições onde trabalhou e no conhecimento dos assuntos aos quais se dedicou. A par de grande erudição, independência intelectual e espírito crítico que faziam dele um excelente profissional — seja como economista, professor ou administrador — reunia qualidades pessoais dificilmente encontráveis numa única pessoa: dedicado à família, aplicado no trabalho, amigo leal, grande conversador, viajante fascinado. Era às vezes ranzinza, mas estava quase sempre bem humorado, e era exímio na arte de colocar apelidos, carinhosos nos amigos, impiedosos nos inimigos.

Annibal graduou-se em Economia pela Faculdade de Ciências Econômicas da antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, em dezembro de 1949. Fez pós-graduação na Universidade de Estocolmo em 1951-52 e, após um estágio de três meses na Divisão de Pesquisas da Comissão Econômica da Europa no verão europeu de 1952 e continuou seus estudos de pós-graduação na London School of Economics and Political Science no ano acadêmico de 1952-53. Já como economista, foi estimulado por Celso Furtado, de quem era amigo, a ler Adam Smith, “uma leitura reveladora” segundo seu relato (Villela, 1990). Daí por diante, autodidata, leu os clássicos e continuou suas leituras sistemáticas. Uma das recordações que guardo de Annibal é a do seu hábito de chegar muito cedo ao escritório e ficar trancado, lendo.

A trajetória profissional de Annibal Villela é a comprovação viva de

um traço marcante de sua personalidade: adorava desafios, e raramente ficava mais de dois ou três anos no mesmo emprego. Logo depois de formado trabalhou, a convite de Eugênio Gudín, na Equipe da Renda Nacional, da Fundação Getúlio Vargas, de onde saiu em 1951 para realizar seus estudos de pós-graduação. Na volta ao País, em 1953, tornou-se assessor do Chefe do Departamento Econômico do BNDE — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, tendo cooperado com os estudos do Grupo Misto BNDE/Cepal, liderado por Celso Furtado. Deixou o BNDE em 1954 para tornar-se diretor do Instituto de Economia e Finanças da Bahia e do curso do Etene — Escritório Técnico do Banco do Nordeste, a convite de Rômulo de Almeida. Voltou para o Rio em meados de 1956 para assumir a direção da Divisão de Energia e Transportes do Departamento Econômico do Conselho Nacional de Economia. A partir de meados de 1958 passou a chefiar o Setor de Estudos Industriais do Departamento Econômico da CNI — Confederação Nacional da Indústria, para onde levou, entre outros, Mário Henrique Simonsen.

Foi um dos pioneiros na área de consultoria econômica, tendo sido sócio fundador da Brastec — Sociedade Brasileira de Serviços Técnicos e Econômicos, em 1953. Essa empresa realizou dezenas de estudos, entre os quais um que serviu de base para a transformação do antigo Banco da Borracha no Banco da Amazônia em meados dos anos sessenta.

Em 1961, Annibal voltou para a Fundação Getúlio Vargas como assessor da Comissão Diretora do IBRE — Instituto Brasileiro de Economia e, a convite de Simonsen, como professor do então criado CAE — Centro de Aperfeiçoamento de Economistas. Como assessor do IBRE colaborou na criação do CEF — Centro de Estudos Fiscais, participou da reunião internacional que criou a ECIEL — Estudos Conjuntos de Integração Econômica Latino-americana e, atendendo solicitação pessoal do Ministro da Fazenda (Carvalho Pinto), elaborou em 1963 estudo sobre a experiência histórica da escala móvel de salários. Nesse estudo, em colaboração com Simonsen, demonstrou como a escala móvel realimenta a inflação. Em 1964, quando Otávio Gouveia de Bulhões foi nomeado Ministro da Fazenda, Annibal substituiu-o na direção do IBRE por alguns meses.

Em 1966, Annibal e sua esposa Heloísa, já com seus oito filhos, mudaram-se para os Estados Unidos onde Annibal foi trabalhar no Banco Mundial, admitido como assessor na divisão industrial do Departamento Econômico do Banco. Participou de projetos de pesquisa, entre os quais um estudo da competitividade da indústria de bens de capital

nos países em desenvolvimento. Participou também de diversas missões de estudo do Banco em vários países. Seu relato dessas missões é fascinante (Villela, 1990).

Em 1969, voltou novamente para a FGV a fim de coordenar um projeto de pesquisa, com recursos doados pela Fundação Ford, sobre o crescimento da economia brasileira. Essa pesquisa, realizada em 1969-70, daria origem depois ao livro *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira, 1889-1945*, publicado pelo Ipea. Em 1970, ainda durante a realização da pesquisa na FGV, Annibal foi convidado pelo ministro João Paulo dos Reis Velloso a assumir a superintendência do Instituto de Pesquisas do Ipea, o que fez em regime de tempo parcial e sem remuneração até que terminasse o projeto da FGV (dezembro de 1970), e depois em tempo integral. No Ipea, Annibal viveu aquele que considerou o período mais gratificante de sua vida profissional. Constituiu uma equipe altamente qualificada, transformou o Instituto de Pesquisas num centro de excelência, que se mantém até hoje, ajudando a criar a revista *Pesquisa e Planejamento Econômico*, que se tornou uma das mais importantes do País.

Em abril de 1974, após haver deixado o Ipea, Annibal assumiu a direção da filial brasileira da Arthur D. Little no Rio de Janeiro. Nessa empresa coordenou vários estudos, inclusive uma avaliação da Zona Franca de Manaus. Mas, logo depois, em meados de 1975, deixou-a para assumir o cargo de Secretário Executivo de Assuntos Econômicos e Sociais da OEA — Organização dos Estados Americanos. À semelhança do que havia feito no IPEA, aboliu as estruturas burocráticas e instituiu um sistema de programas de assistência técnica e, enfrentando a burocracia internacional da OEA, passou a enviar missões técnicas para saber quais eram as necessidades dos vários países. Em alguns casos, chefiou ele mesmo as missões.

Em meados de 1978, deixou a OEA e estabeleceu-se como consultor independente, fundando a empresa Annibal Villela Consultoria Econômica no Rio de Janeiro. Esta empresa realizou dezenas de estudos para clientes no Brasil e no exterior. Dentre esses estudos destacaram-se um extenso trabalho sobre o setor privado nacional, publicado pelo Ipea em 1980, e o estudo do Brasil no projeto *The Political Economy of Poverty, Equity and Growth*, coordenado por Angus Maddison para o Banco Mundial. Em dezembro de 1988, encerrou as atividades da empresa de consultoria, mas continuou a atuar como consultor independente.

Em sua vida profissional, Annibal também se destacou com professor e palestrante. Logo depois de formado, foi instrutor de Estatística Eco-

nômica na Faculdade de Ciências Econômicas, e em seguida passou a lecionar Estatística, Macroeconomia e Contabilidade Social nos cursos do Conselho Nacional de Economia. Foi diretor e professor do curso do Etene/BNB, ensinou Introdução à Econometria no Curso de Engenharia Econômica da Escola Nacional de Engenharia, onde Mário Henrique Simonsen foi seu aluno, e, entre 1961 e 1965, foi professor do CAE/FGV, onde, entre outras coisas, ensinou "planejamento na URSS".

As contribuições de Annibal Villela ao pensamento econômico brasileiro foram variadas. Dado o interesse desta Revista, vou focalizar com mais detalhe seus estudos na área de História Econômica, apenas mencionando outras contribuições que julgo importantes.

No começo de sua carreira, Annibal dedicou-se a estudos na área de Contabilidade Social e elaboração de séries estatísticas econômicas. Suas primeiras publicações foram de trabalhos nessa área. Entre fins dos anos cinquenta e início dos sessenta, foi redator da revista *Desenvolvimento e Conjuntura*. Na mesma época publicou um alentado estudo sobre o papel das empresas públicas na economia brasileira na *Revista Brasileira de Economia* (1962). Bem mais tarde, já como consultor econômico, comandou vários estudos realizados em colaboração com a equipe de sua empresa ou com outros economistas. Dentre esses estudos destacam-se o relatório de pesquisa *O Setor Privado Nacional: Problemas e Políticas para seu Desenvolvimento*, publicado pelo Ipea em 1980; o estudo *Empresas do Governo com Instrumento de Política Econômica: os Casos da Siderbras, Eletrobras, Petrobras e Telebras*, também publicado pelo Ipea (1984); o capítulo sobre o Brasil do livro *The New Multinationals: The Spread of Third World Enterprises*, em co-autoria S. Lall, E. Chen, J. Katz e B. Kosakoff, publicado em 1984 pela John Wiley & Sons. Nos anos noventa, Annibal realizou estudos sobre infra-estrutura, regulação e política industrial, em co-autoria com Cláudio Maciel e comigo, para o Ipea e para o Institute of Developing Economies, de Tóquio.

Mas, uma área em que Annibal se realizou como economista e como pesquisador foi a de história econômica. A partir de uma visão crítica em que destacava as limitações do economista, sempre enfatizou a importância fundamental de contar com dados estatísticos confiáveis antes de utilizar quaisquer técnicas ou modelos de análise econômica, e também a necessidade de combinar a análise econômica com o conhecimento da história e das instituições. Suas contribuições nessa área podem ser agrupadas em quatro temáticas: o estudo da economia soviética, a revisão dos estágios de desenvolvimento industrial do Brasil, a

história econômica da República, e o desenvolvimento da infraestrutura.

Annibal foi um estudioso do sistema de planejamento e da industrialização da União Soviética. Interessado em entender como funcionava o planejamento da economia soviética, aprendeu russo e passou a ler os trabalhos dos principais economistas soviéticos. Paralelamente, dava aulas sobre esse assunto no curso do CAE/FGV. Em dezembro de 1964, a *Revista Brasileira de Economia* dedicou um número especial ao tema, com um artigo de Annibal e dois artigos de alunos seus no CAE. O artigo de Annibal, "Os métodos de Planejamento na URSS", é um extenso trabalho com minuciosa análise do contexto institucional do sistema de planejamento e da estratégia global adotada pela URSS no sentido de se industrializar rapidamente, alcançando e ultrapassando os países desenvolvidos. Na sua conclusão, Annibal ressaltou que "a experiência de planejamento econômico da URSS é de utilidade para os países que ao lutarem para se desenvolver desejam adotar planos econômicos", mas sabiamente advertia que esses países "precisam saber que o planejamento não é um panacéia". O trabalho era complementado por dois excelentes apêndices sobre os antecedentes históricos, ideológicos e econômicos do sistema soviético, e sobre as unidades produtivas e seu funcionamento na economia soviética.

Como desdobramento de suas pesquisas sobre o planejamento econômico na URSS, Annibal escreveu ainda em 1970 um artigo em que discute o desenvolvimento industrial da Rússia entre 1860 e 1913 com base em dados estatísticos e documentação histórica de fontes soviéticas e internacionais. Após descrever com riqueza de detalhes o desenvolvimento industrial da Rússia Czarista, discute os fatores que impulsionaram o desenvolvimento e as modificações estruturais ocorridas, terminando com uma avaliação e comparação desse desenvolvimento em termos internacionais, inclusive com o Brasil. Conclui que a Rússia, em 1913, já era mais desenvolvida em alguns setores industriais do que Argentina, Brasil, México e Índia na década de 1960. O que é mais notável, porém, é a clareza com que percebeu os efeitos perniciosos que a proteção e a promoção excessivas exercem sobre a dinâmica da indústria.

Foram também relevantes as contribuições de Annibal Villela à história da industrialização brasileira. Com base em dados e pesquisas realizadas no âmbito do projeto sobre o crescimento da economia brasileira, coordenados por ele, Annibal publicou três artigos no início dos anos setenta

(Villela, 1972; Baer e Villela, 1973, e Villela, 1974) revisando os estágios do desenvolvimento industrial do Brasil e avaliando as políticas empregadas para promover a industrialização. Confirmando a revisão feita por Warren Dean sobre o crescimento industrial durante a guerra de 1914-18, estabeleceu com precisão os estágios de crescimento e os períodos de crise da indústria, e concluiu que somente a partir dos anos cinquenta o governo implementou políticas visando deliberadamente promover o desenvolvimento industrial.

Essas contribuições estão também presentes no livro *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira, 1889-1945* (Villela e Suzigan, 1973). Embora, como seu co-autor, eu me sinta pouco à vontade para emitir um julgamento, não posso deixar de dizer que este talvez tenha sido seu trabalho mais influente, tornando-se amplamente utilizado em cursos sobre economia brasileira e sobre a história econômica do Brasil republicano. O projeto de pesquisa do qual se originou o livro foi elaborado entre agosto de 1969 e dezembro de 1970. Inspirava-se em trabalhos como o de E. F. Denison sobre as fontes do crescimento da economia norte-americana. Annibal montou uma equipe variada de colaboradores, incluindo economistas, historiadores, sociólogos e outros profissionais. Desde logo ficou claro que, confirmando a quase obsessão de Annibal por dados estatísticos confiáveis, teríamos que fazer um grande esforço para construir séries estatísticas econômicas (produto real total, da indústria e da agricultura; índices de comércio exterior, índices de preços, estimativas de renda nacional), séries demográficas e outras.

Isto explica inclusive minha participação no projeto. Na época eu trabalhava no setor de contas nacionais do IBRE/FGV. Havia sido aluno de Annibal no curso do CAE. Sabendo que eu havia feito um trabalho sobre índices de comércio exterior para o período 1920-1964, e que também havia defendido minha dissertação de mestrado sobre o processo de substituição de importações na indústria, Annibal me procurou e convidou-me para integrar a equipe do projeto. Não podia imaginar então que acabaria sendo seu co-autor, para minha felicidade.

Por fim, creio ser importante destacar que a última contribuição de Annibal Villela no campo da História Econômica foi o texto de sua conferência de abertura do II Congresso Brasileiro de História Econômica e da 3.^a Conferência Internacional de História de Empresas em Niterói (1996), quando recebeu o título de Sócio Honorário da ABPHE. Esta conferência e o texto respectivo sobre "Alguns Aspectos da Infra-Estrutura Econômica no Brasil na Perspectiva Histórica" (Villela, 1996), constituem um exemplo de lucidez e discernimento na avaliação, em

perspectiva histórica, da política econômica para a área de infra-estrutura. Após fazer um excelente sumário, em que avaliou o desenvolvimento da infra-estrutura de energia elétrica, de transportes (ferrovias, rodovias, portos) e de telecomunicações, mostrando como foi importante a participação do capital privado nesse desenvolvimento, Annibal passou a questionar o modo como a política de privatização da infra-estrutura estava sendo então implementada no País. Ao concluir, propôs que fosse retomada a prática de elaborar planos indicativos para os diversos segmentos da infra-estrutura, de modo a resguardar o interesse público.

Termino esta homenagem a Annibal Villela permitindo-me um pequeno depoimento pessoal. Quando ele me fez o convite para participar do projeto de pesquisa que iria coordenar na FGV, minha perspectiva profissional ainda não estava definida. Levando-me para trabalhar com ele na FGV, e depois no Ipea, posso dizer que Annibal deu rumo à minha vida profissional, e, pelo seu exemplo de homem íntegro, orientou minha conduta na vida pessoal.

Referências (em ordem cronológica)

- VILLELA, A., Os Métodos de Planejamento na URSS. *Revista Brasileira de Economia*, 18 (4), 7-110.
- VILLELA, A., O Desenvolvimento Industrial da Rússia, 1860-1913. *Revista Brasileira de Economia*, 24 (1), 31-58.
- VILLELA, A.V. et al., *Aspectos do Crescimento da Economia Brasileira, 1889-1969*, 2 volumes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971 (mimeo).
- VILLELA, A.V., Surto Industrial Durante a Guerra de 1914-1918, in *Ensaio Econômico em Homenagem a Octávio Gouveia de Bulhões*. Rio de Janeiro: APEC, 1972.
- VILLELA, A.V. e W. SUZIGAN, *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira, 1889-1945*. Rio de Janeiro, IPEA, 1973.
- BAER, W. e A.V. VILLELA, Industrial Growth and Industrialization: Revisions in the Stages of Brazil's Economic Development. *Journal of Developing Areas*, January, 1973.
- VILLELA, A., La Politique de Développement Industriel au Brésil avant la Seconde Guerre Mondiale et ses Effets, in *Etudes Offertes au Prof. Jacques Lambert*. Université de Lyon, 1974.
- VILLELA, A.V., *Reminiscências*. Rio de Janeiro, 1990 (mimeo).
- VILLELA, A.V., Alguns Aspectos da Infra-estrutura Econômica no Brasil na Perspectiva Histórica. Conferência de Abertura do II Congresso Brasileiro de História Econômica e 3ª Conferência Internacional de História de Empresas. *Anais*, Vol. I, 9-33. Niterói, 13-16 de outubro de 1996.

josé roberto do amaral lapa (1929-2000)

Maria Alice Rosa Ribeiro*

É com tristeza, saudades e a certeza de ter tido a sorte de tê-lo conhecido pessoalmente, que, em nome da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica recebemos a notícia do falecimento do Professor José Roberto do Amaral Lapa em julho passado. O Professor Lapa, como era chamado, era sócio-fundador da ABPHE, tendo participado ativamente do Congresso de fundação da entidade em São Paulo em 1993. Foi um dos organizadores da publicação *História Econômica da Independência e do Império* que reúne trabalhos apresentados naquele evento. Fez parte da direção da ABPHE, como representante efetivo da Região de São Paulo no Conselho de Representantes entre 1997 e 1999.

Nascido em Campinas, em agosto de 1929, o Professor Lapa ingressou no curso secundário do Instituto de Educação "Carlos Gomes" da mesma cidade, onde obteve o título de Professor Normalista, em 1948. No mesmo ano, obteve também o título de Técnico em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio Campineira. Disposto a seguir a carreira acadêmica, matriculou-se no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas, onde se licenciou em 1952. Durante os anos cinquenta, lecionou História, Geografia e Economia Política em diversas escolas secundárias do interior de São Paulo. As incertezas e vicissitudes do magistério secundário levaram-no a retomar os estudos na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Campinas, onde obteve em 1959 o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais.

Mas, a consolidação da sua carreira acadêmica só veio nos anos sessenta, quando ingressou como professor de História do Brasil na Faculdade

* A Autora agradece à Dona Lúcia, secretária do Professor Lapa, pela atenção e disposição em imprimir seu *curriculum vitae*, à Denise Gonçalves, responsável pelos Arquivos Especiais, pelo auxílio na localização de informações referentes às atividades do professor Lapa, e à Profa. Olga Rodrigues de Moraes von Simson, coordenadora do Centro de Memória da Unicamp, pelas informações fornecidas sobre as atividades desenvolvidas pelo Centro.

de Filosofia, Ciências e Letras de Marília¹, pertencente naquele tempo aos chamados Institutos Isolados do Estado de São Paulo. Como professor daquela instituição, juntamente com Eurípedes Simões de Paula, Eddy Stols, Olga Pantaleão e outros, organizou seu Departamento de História e o próprio curso de História.

Com a tese *A Bahia e a Carreira da Índia*, defendida na mesma Faculdade de Filosofia de Marília, obteve o título de Doutor em Ciências em 1966. Foi durante a elaboração dessa tese de doutoramento que o Professor Lapa desenvolveu suas aptidões de historiador, dedicando-se à pesquisa, à busca de testemunhos e de documentos, e à interpretação dos sentidos das transformações e das continuidades da História. Para elaborar sua tese, fez pesquisas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e no Arquivo Público Estadual da Bahia. Nela procurou identificar as relações entre o porto da Bahia e o comércio de Portugal com o Oriente, através da grande rota marítima estabelecida pelos portugueses nos oceanos Atlântico e Índico, ligando Lisboa a Goa. Essas pesquisas tiveram prosseguimento em Portugal e na Espanha.

As conclusões de sua investigação atenderam ao objetivo principal da tese publicada como livro pela Cia. Editora Nacional, em 1968. Mas, a pesquisa realizada foi frutífera, desdobrando-se em artigos, e, de forma mais profunda e duradoura, em uma linha de investigações sobre a economia e o sistema colonial, que, por algum tempo, foram objeto das suas preocupações.

Após a conclusão da tese de doutoramento, um novo projeto de investigação, dentro dos quadros da sociedade colonial, levou o Professor Lapa a Belém do Pará e ao Rio de Janeiro, em busca da compreensão do que se passou durante a Visitação do Tribunal do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará em 1763². Novamente, a pesquisa concentrou-se em fontes primárias, nos acervos depositados no Arquivo e na Biblioteca Pública e no Arquivo Arquidiocesano, ambos em Belém, e na Biblioteca Nacional, no Arquivo Nacional e na Biblioteca do Instituto Histórico e Geográfico, localizados no Rio de Janeiro. A investigação foi também complementada com o material coletado, por meio de uma nova ida

¹ Atualmente, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília faz parte da Universidade Estadual Paulista — Unesp.

² Em 1963, durante sua estada em Lisboa para a pesquisa sobre a Carreira da Índia, o Prof. Lapa encontrou em meio a um pacote de papéis avulsos sobre o Brasil, na Torre do Tombo, um Livro que tratava da Visita do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará e Maranhão. Foi, de fato, um achado de grande importância, pois, até então, desconhecia-se a presença da Inquisição na região norte da Colônia.

aos arquivos de Lisboa, Arquivo Histórico Ultramarino e Arquivo Nacional da Torre do Tombo; ali o Professor Lapa pôde observar o que se havia passado do outro lado do Atlântico, onde as decisões acerca dos procedimentos inquisitórios eram efetivamente tomadas. Os resultados deste trabalho foram publicados sob o título de *Livro da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará 1763-1769*, pela editora Vozes em 1978.

Além dos estudos do porto da Bahia e da Visitação do Santo Ofício ao Estado do Grão-Pará e Maranhão, o Professor Lapa desenvolveu trabalhos sobre a cultura do tabaco na Bahia nos tempos coloniais e sobre o abastecimento da mineração do Mato Grosso no século XVIII. A síntese dessa linha de pesquisa transformou-se em outro livro, publicado sob o título de *Economia Colonial* pela editora Perspectiva em 1973.

Já nos anos setenta, o Professor Lapa estava de regresso à cidade de Campinas, às voltas com a organização de um novo Departamento de História e de um novo curso de Pós-Graduação em História, agora na Universidade Estadual de Campinas — Unicamp.

Esta volta para sua cidade natal deu ensejo ao retorno a um velho projeto — a história de Campinas e, ao mesmo tempo, à abertura de uma nova linha de pesquisa em história regional. Em 1966, ainda lecionando em Marília, publicara um primeiro artigo para a constituição de uma bibliografia para a História de Campinas. Dez anos mais tarde, escreveu: "*História de Campinas: uma tarefa para os próximos dez anos*".

Em 1976, o Professor Lapa lecionou a disciplina de Historiografia Brasileira para a primeira turma da Pós-Graduação em História da Unicamp. Foi nessa condição que o conheci, e que, pela primeira vez, ouvi seus comentários sobre a importância das três grandes obras que marcaram a historiografia brasileira: *Raízes da Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, *Evolução Política do Brasil* (1933), de Caio Prado Jr. e *Casa-Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Suas notas de aulas e as discussões do curso de Historiografia foram mais tarde reunidas num livro publicado sob o título *Historiografia Brasileira Contemporânea: A História em Questão*.

O amor do Historiador pela sua cidade traduziu-se no seu último livro: *A Cidade, os Cantos e Antros*, publicado pela Edusp em 1996. A história de Campinas era uma companheira de longa data do Professor Lapa, mas ele esperou mais de vinte anos para, finalmente, narrá-la. Esta longa espera resultou em duas coisas: o rigor da pesquisa promovida, e a busca por inovar no tratamento do tema, expondo os elementos muitas vezes escondidos nas tradicionais histórias de Cidade.

Seu projeto inicial era escrever sobre a prática da escravidão, as atitudes

das classes populares diante do escravo urbano, resgatando o funcionamento do mercado urbano de escravos e o dia-a-dia dos escravos na cidade de Campinas. Mas, antes de prosseguir esse estudo da escravidão e do pauperismo³, o Professor Lapa percebeu que havia um grande ausente na sua história, faltava-lhe a própria cidade — não apenas como palco, mas como personagem. A cidade de Campinas empolgou e iluminou o Autor, contando-lhe seus segredos, mostrando-lhe seus antros, seus espaços malditos, e revelando-lhe encantos ocultos nos seus cantos.

Mas, o seu grande legado acabou sendo o Centro de Memória da Unicamp. Neste ano 2000, o CMU comemora seus primeiros quinze anos. Ao Professor Lapa se deve a fundação e a consolidação do Centro. Entre 1985 e 1996, foi seu diretor e coordenador, cargos que não exerceu como meras funções burocráticas, mas com entusiasmo, esforço e iniciativa. Durante esse período, o Professor Lapa percorreu as mais diferentes instituições, visitou casas das famílias ilustres da Cidade, escolas, hospitais, cartórios, fazendas etc., em busca de documentos, fotografias e testemunhos do passado. Seu espírito empreendedor e organizador foi despendido para que o Centro conseguisse atingir o seu objetivo maior — preservar a memória da cidade de Campinas e das cidades do Interior paulista. Hoje, o acervo histórico do CMU compõe-se de numerosos fundos e coleções, doadas ou sob custódia, que abarcam acervos oficiais e particulares, de instituições, de famílias e de indivíduos.

Um dos primeiros fundos doados ao CMU foi o do Tribunal de Justiça de Campinas, através de convênio firmado entre a Unicamp e o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, em 1985. Esse fundo contém processos produzidos em cartórios cíveis e criminais desde 1793 até 1940, reunindo cerca de 50 mil processos entre testamentos, inventários, processos criminais, ações de libertação de escravos, falências etc.

Além de possuir um acervo valioso, o CMU mantém um conjunto de atividades complementares realizadas pelos seus laboratórios que cuidam da organização, preservação e guarda do material, de forma que ele se torne acessível aos pesquisadores e ao desenvolvimento da pesquisa histórica. Com a organização do Centro, o Professor Lapa completou seu ofício do historiador. Foi um historiador em todas as suas dimensões — professor, pesquisador, narrador, orientador, divulgador e construtor de uma instituição na qual os materiais do passado preservam a memória e a história.

³ Ao falecer, em plena atividade intelectual, o Professor Lapa estava coordenando um projeto sobre história da Urbanização do Estado de São Paulo e revisando seu livro sobre a escravidão e o pauperismo em Campinas.

**conselho de representantes
(1999-2001)**

região Centro-Oeste

Lúcia Salsa Corrêa (MS)
Valmir Batista Corrêa (MS)
Fernando Tadeu Miranda Borges
(MT)

região Nordeste

Amílcar Baiardi (BA)
Daniel Rodriguez de Carvalho
Pinheiro (BA)
Fernando Cardoso Pedrão (BA)

região Sudeste

Carlos Gabriel Guimarães (RJ)
Eulália Maria Lahmeyer Lobo (RJ)
Luiz Carlos Delorme Prado (RJ)

região Sul

Ronaldo Herrlein Júnior (RS)
Pedro Cezar Dutra Fonseca (RS)
Luiz Roberto Pecoits Targa (RS)

região São Paulo

Lígia Maria Osório Silva
Maria Lúcia Lamounier
Maria Lúcia Caira Gitahy

diretoria (1999-2001)

presidente

Carlos Roberto Antunes dos
Santos (PR)

vice-presidente

Wilson Suzigan (SP)

primeiro secretário

Fábio Dória Scatolin (PR)

segundo secretário

Maria Alice Rosa Ribeiro (SP)

primeiro tesoureiro

Victor Manoel Pelaez Alvarez (PR)

segundo tesoureiro

Flávio Azevedo Marques de Saes
(SP)

sócios honorários

Alice Piffer Canabrava
Annibal Villanova Villela (†)
Charles R. Boxer (†)
Eulália Maria Lahmeyer Lobo
Frédéric Mauro
Neilson Werneck Sodré (†)

**sócios fundadores e
efetivos**

região Centro-Oeste

Barsanufo Gomides Borges
Carmen Lícia Palazzo de Almeida
Damião Duque de Farias
Fernando Tadeu de Miranda
Borges

Guilherme Costa Delgado
Horácio Gutiérrez

Lucia Salsa Corrêa
Luciene Rodrigues
Maria Teresa Andrade Ribeiro de
Oliveira

Otávio Canavarros
Paulo Borges Campos Júnior
Paulo Roberto Cimó Queiroz
Paulo Roberto de Almeida

Ricardo Bielschowsky
Teresa Cristina de Novaes
Marques

Valmir Batista Corrêa

região Nordeste

Amílcar Baiardi
Cesare Giuseppe Galvan
Daniel Rodriguez de Carvalho
Pinheiro

Denise Matos Monteiro
Fernando Cardoso Pedrão
Helington de Araujo Rangel

Josemir Camilo de Melo
Josué Modesto dos Passos
Subrinho

Manuel Correia de Oliveira
Andrade

Maria da Guia Santos Gareis
Olimpio José de Arroxelas
Galvão

Paulo Henrique de Almeida
Pedro de Almeida Vasconcelos
Ruy Belém de Araújo
Sívio Humberto dos Passos
Cunha

Victor Augusto Meyer
Nascimento

região Norte

Fábio Carlos da Silva
Pearl Arthur Jules Antonius
Roberto Araújo de Oliveira
Santos

região Sudeste

Afonso de Alencastro Graça Filho
Almir Chaiban El-Karech
Almir Pita Freitas Filho
Amara Silva de Souza Rocha

Ana Cristina Coelho dos Santos
Ana Maria Ribeiro de Andrade
Ana Maria dos Santos

Anderson José Pires
André Arruda Villela
Antonio Maria da Silveira

Bernardo Kocher
Caio Cesar Boschi
Carla Maria Carvalho de Almeida

Carlos Gabriel Guimarães
Carlos Henrique Santos de
Almeida

Carmen Helena Coelho dos
Santos

Cezar Teixeira Honorato
Cinthia Maria de Sena Abrahão
Claudia Maria das Graças Chaves

Claudia Maria Ribeiro Viscardi
Clélio Campolina Diniz
Coralay Gará Caetano

Douglas Cole Libby
Dulce Portilho Maciel
Edelmira del Carmen Alveal

Contreras de Oliveira
Eduardo Navarro Stotz
Elisa Maria de Oliveira Müller

Elisabeth Von Der Weid
Eloy Alves Filho
Fábio de Silos Sá Earp

Fania Fridman
Fernando Antonio Faria

Francisco José Calazans Falcon
George Edward Machado Kornis
Geraldo de Beauclair Mendes

Oliveira

Geraldo Moreira Prado
Héctor Alimonda
Heloisa Helena Pacheco Cardoso

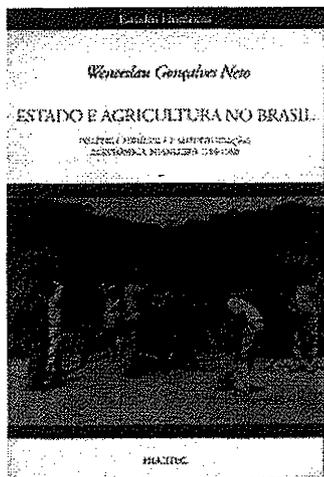
Hildete Pereira de Melo
Humberto Fernandes Machado
Ismenia Lima Martins

Israel Beloch
Ivan da Costa Marques
Juan Ruben Gustavo Ferguson
Lúcio Ismael de Alvarenga
Luís Cláudio Moisés Ribeiro

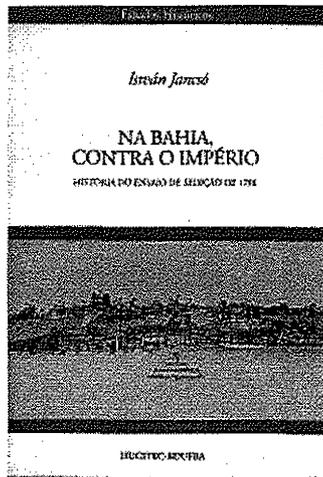
Luiz Carlos Delorme Prado
Luiz Carlos Soares
Manolo Garcia Florentino
Marcia Maria Menendes Motta
Margareth Guimarães Martins
Maria Antonieta Parahyba
Leopoldi
Maria da Penha S. Siqueira
Maria Yedda Leite Linhares
Mauricio Gutiérrez
Moacir Fecury Ferreira da Silva
Mônica Ribeiro de Oliveira
Newton Augusto Cardoso de
Oliveira
Newton Paulo Bueno
Nicélio do Amaral Barros
Paulo Cesar Azevedo Ribeiro
Paulo Roberto da Costa Vieira
Pedro Marcelo Pasche de Campos
Pedro Tórtima
Rosana Areal de Carvalho
Sérgio de Oliveira Biralch
Sérgio Tadeu de Niemeyer
Lamarão
Sheila Siqueira de Castro Faria
Sonia Maria de Souza
Sonia Regina de Mendonça
Tânia Maria Ferreira de Souza
Théo Lobarinhas Piñeiro
Vania Maria Cury
Wagner Chagas de Menezes
Wenceslau Gonçalves Neto
região Sul
Adriano Nervo Codato
Alcides Goularti Filho
Armando João Dalla Costa
Ary Cesar Minella
Carlos Roberto Antunes dos
Santos
Claus Magno Germer
Denise Maria Maia
Dilma Andrade de Paula
Fábio Dória Scatolin
Fábio Luiz San Martins
Francisco de Borja Baptista de
Magalhães Filho
Hoyêdo Nunes Lins
Hugo Agudelo
Jorge Luiz da Cunha
José Adalberto Mourão Dantas
José Flávio Pereira
José Gabriel Porcile Meirelles
Lafaiete Santos Neves
Luiz Carlos Ribeiro
Luiz Roberto Pecoits Targa
Marcos Nestor Stein
Maria do Carmo dos Santos
Bastos
Maria Heloisa Lenz
Maria Lúcia Leitão de Carvalho
Marli Marlene Mertz

Mauricio Aguiar Serra
Paulo Roberto Neves Costa
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Ramón Vicente García Fernández
Renato Monseff Perissinotto
Ricardo Costa de Oliveira
Ronaldo Herlein Júnior
Sandra Jatahy Pesavento
Sérgio Schmitz
Sérgio Soares Braga
Sezinando Luiz Menezes
Victor Manoel Pelaez Alvarez
Walter Tadahiro Shima
região São Paulo
Ademar Ribeiro Romeiro
Ademir Gebara
Adilson Marques Gennari
Adir Aparecida Juliano
Alberto Harayoshi Hitomi
Amaury Patrick Gremaud
Ana Lúcia Duarte Lanna
André Munhoz de Argollo Ferrão
Angelita Matos Souza
Antonio José Marques
Antonio Penalves Rocha
Benedicto Heloiz Nascimento
Christina da Silva Roquette
Lopreato
Cláudia Heller
Dora Beatriz Espina
Dora Isabel Paiva da Costa
Eliana Tadeu Terci
Ema Elisabete Rodrigues Camillo
Enrique Amayo
Fabio Ricci
Fausto Saretta
Fernando Antônio Novais
Flávio Azevedo Marques de Saes
Flávio Mesquita Saraiva
Franceschina Vilarado
Francisco Carlos Orlandini
Francisco Luiz Corsi
Francisco Vidal Luna
Gilval Mosca Froelich
Helder Sebastião Alves dos Reis
Helena Carvalho de Lorenzo
Hilário Domingues Neto
István Jancsó
Jacques Marcovitch
Jason Tadeu Borba
Jorge Luis Mialhe
José Carlos Tartaglia
José Evaldo de Mello Doin
José Jobson de Andrade Arruda
José Marcos Nayme Novelli
José Ribeiro Júnior
José Ricardo Barbosa Gonçalves
José Roberto do Amaral Lapa (†)
José Roberto Mendonça de
Barros
José Sebastião Witter

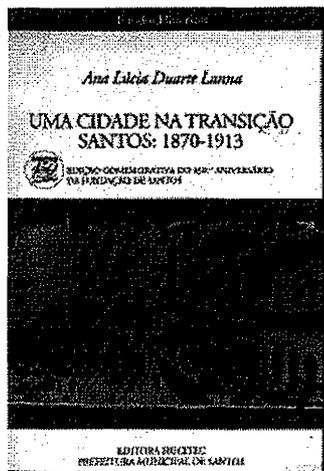
Júlio Manuel Pires
Leonardo Nelmi Trevisan
Ligia Maria Osório Silva
Lilía Inês Zanotti de Medrano
Luciana dos Santos Geraci
Luciana Suarez Galvão Pinto
Luis Fernando Ayerbe
Luzia Monteiro Araujo Soares
Maria Alice Rosa Ribeiro
Maria Angélica Borges
Maria Aparecida de Paula Rago
Maria Irene de Q. Ferreira
Szmrecsányi
Maria Izilda Santos de Matos
Maria Lúcia Caira Gitahy
Maria Lúcia Lamounier
Maria Stella Martins Bresciani
Maria Thereza Miguel Peres
Maria Verônica Secreto
Maurício Otavio Mendonça
Jorge
Mivaldo Messias Ferrari
Nelson Prado Alves Pinto
Nilo Odalia
Norberto Osvaldo Ferreras
Oriowaldo Queda
Orlando José Bolçone
Palmira Petratti Teixeira
Paulo Alves de Lima Filho
Paulo Nogueira Batista Júnior
Paulo Roberto Beskow
Paulo Roberto Davidoff Chagas
Cruz
Pedro Geraldo Tosi
Pedro Luis Puntoni
Pedro Paulo de Abreu Funari
Pedro Ramos
Raquel Glezer
Regina Célia Faria Simões
Regina Maria D'aquino Fonseca
Gadelha
Reinéro Antônio Lérias
Renata Cipolli D'Arbo
Renato Leite Marcundes
Renato Perim Colistete
Ricardo Frota de Albuquerque
Maranhão
Rui Guilherme Granziera
Sebastião Neto Ribeiro Guedes
Sergio Salomé Silva
Silvia Fernanda de Mendonça
Figueiroa
Tamás József Márton Károly
Szmrecsányi
Tomás Rafael Cruz Cáceres
Vera Maria Pereira Theodósio
Vera Marisa H. de Miranda Costa
Werner Altmann
Wilma Peres Costa
Wilson Suzigan
Zildo Galo



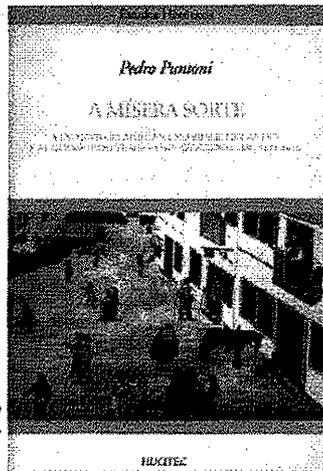
245 páginas ISBN 85-271-0419-9



222 páginas ISBN 85-271-0324-9



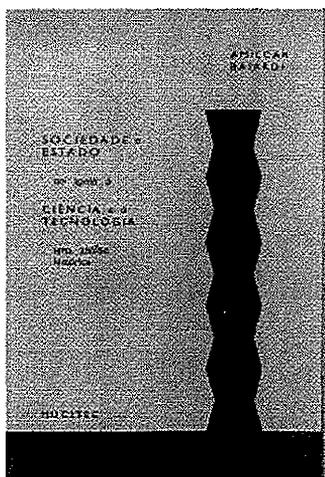
270 páginas ISBN 85-271-0332-X



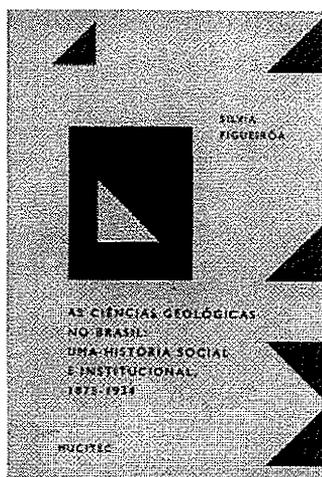
207 páginas ISBN 85-271-0471-7

Disponível nas Melhores Livrarias
LIVREIRO: SEU CANAL DE INFORMAÇÃO E CULTURA

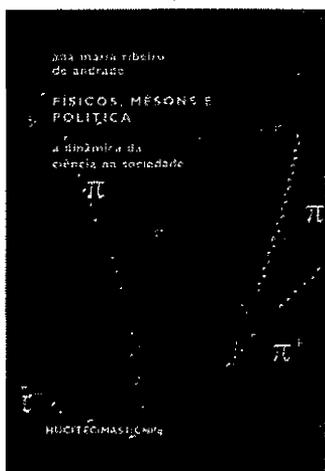
Editora Hucitec Ltda.
Rua Gil Eanes, 713 — 04601-042 São Paulo - SP, BRASIL
Tel.: (11) 543-5810 — Fax: (11) 530-5938
www.hucitec.com.br
E-mail: hucitec@osite.com.br



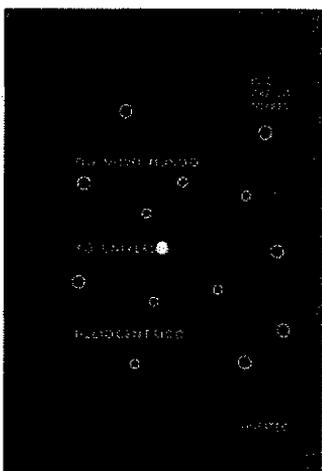
245 páginas ISBN 85-271-0336-2



270 páginas ISBN 85-271-0362-1



261 páginas ISBN 85-271-0451-2



259 páginas ISBN 85-271-0442-3

Disponível nas Melhores Livrarias
LIVREIRO: SEU CANAL DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Editora Hucitec Ltda.

Rua Gil Eanes, 713 — 04601-042 São Paulo - SP, BRASIL

Tel.: (11) 543-5810 — Fax: (11) 530-5938

www.hucitec.com.br

E-mail: hucitec@osite.com.br